

24/3/98 3
244 CB

Em *A Fotografia nas Fronteiras Culturais*, Milton Guran faz um mergulho profundo no universo indígena

A ALMA DO ÍNDIO EM FOCO

Nahima Maciel
Da equipe do Correio

XINGU, 1986. O LÍDER INDÍGENA GILBERTO MACUXI FAZ CAMPANHA PARA A CONSTITUINTE QUE SERIA APROVADA NO ANO SEGUINTE. MILTON GURAN, REPÓRTER FOTOGRÁFICO, ACOMPANHA A MOVIMENTAÇÃO DO LÍDER ENTRE BOA VISTA, RORAIMA, E AS COMUNIDADES INDÍGENAS DO INTERIOR. EXATAMENTE OITO ANOS DEPOIS DE CONHECER DE PERTO A QUESTÃO DO ÍNDIO NO BRASIL. DESDE 1978, O FOTÓGRAFO E ANTRÓPOLOGO — HOJE PROFESSOR-VISITANTE DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA — ESTÁ IMERSO NA TENTATIVA DE DESCOBRIR E ENTENDER UMA DAS CULTURAS QUE SERVIRAM DE BASE PARA A FORMAÇÃO ÉTNICA NACIONAL.

“Somos o resultado da troca, do aporte de cultura indígena. Enquanto nação, temos uma coisa inestimável para repensar o planeta, que é essa cultura”, enfatiza o fotógrafo.

Este ano, uma década após o primeiro contato com o objeto de estudo, Guran se debruça mais uma vez sobre o assunto. Com auxílio de uma bolsa da Fundação Nacional da Arte (Funarte) — ele estava entre os candidatos ao X Prêmio Marc Ferrez de Fotografia e foi um dos premiados — o fotógrafo vai reunir quatro diários de campo escritos entre 1986 e 1991, para publicar o livro *A Fotografia nas Fronteiras Culturais*.

São fotos e textos que relatam as viagens às reservas do norte do país, incluindo a experiência de um primeiro contato no sul do Pará. Além dos diários, o livro vai contar com 50 fotos, imagens resultantes de um Brasil quase esquecido e ignorado. Os relatos incluem, além da campanha do Macuxi e dos índios paraenses, o acompanhamento de dois grupos de antropólogos e profissionais de saúde nas reservas Yanomami e no vale do Javari.

“Em 1978 fui parar no Xingu, pela primeira vez, como repórter. Cheguei lá e, quando vi aquilo, disse: Puxa, não dá nem para entender!”, lembra. “Então fui obrigado a me aproximar do único instrumento de que dispomos para compreender isso: a antropologia”, completa.

Foi quando decidiu dar início à pesquisa que mais tarde ocasionaria os trabalhos a serem apresentados em *A Fotografia nas Fronteiras Culturais*. Se começou com fotografias, simples imagens concebidas a partir de uma série de componentes que envolvem desde a cultura urbana do fotógrafo até sua relação com o objeto fotografado, Guran não estacionou.

Entendeu que, para compreender a questão, precisava ir mais fundo: entender o olhar, viver o que chama de experiência da alteridade. Da relação com o outro e do olhar a ele dirigido.

“Geralmente, os fotógrafos não falam sobre a imagem, penduram a foto na parede e não falam nada. Então tive a idéia de falar das preocupações que o fotógrafo tem, desde questões do cotidiano, como proteção do equipamento nas matas ou como se dorme e o que se come, até questões mais importantes”, conta. Lembra que, em determinados momentos das viagens que o levaram ao encontro com os índios, chegava a ter água até a cintura por dias seguidos, o que dificultava a conservação das câmeras, lentes e filmes.

SEM EXOTISMOS

Os diários mantidos por Guran revelam muito mais que uma experiência exótica. Os textos levam à análise de problemas profundamente enraizados no esquecimento cultural ao qual as poucas populações indígenas que ainda sobrevivem em alguns pontos do país foram confinadas.

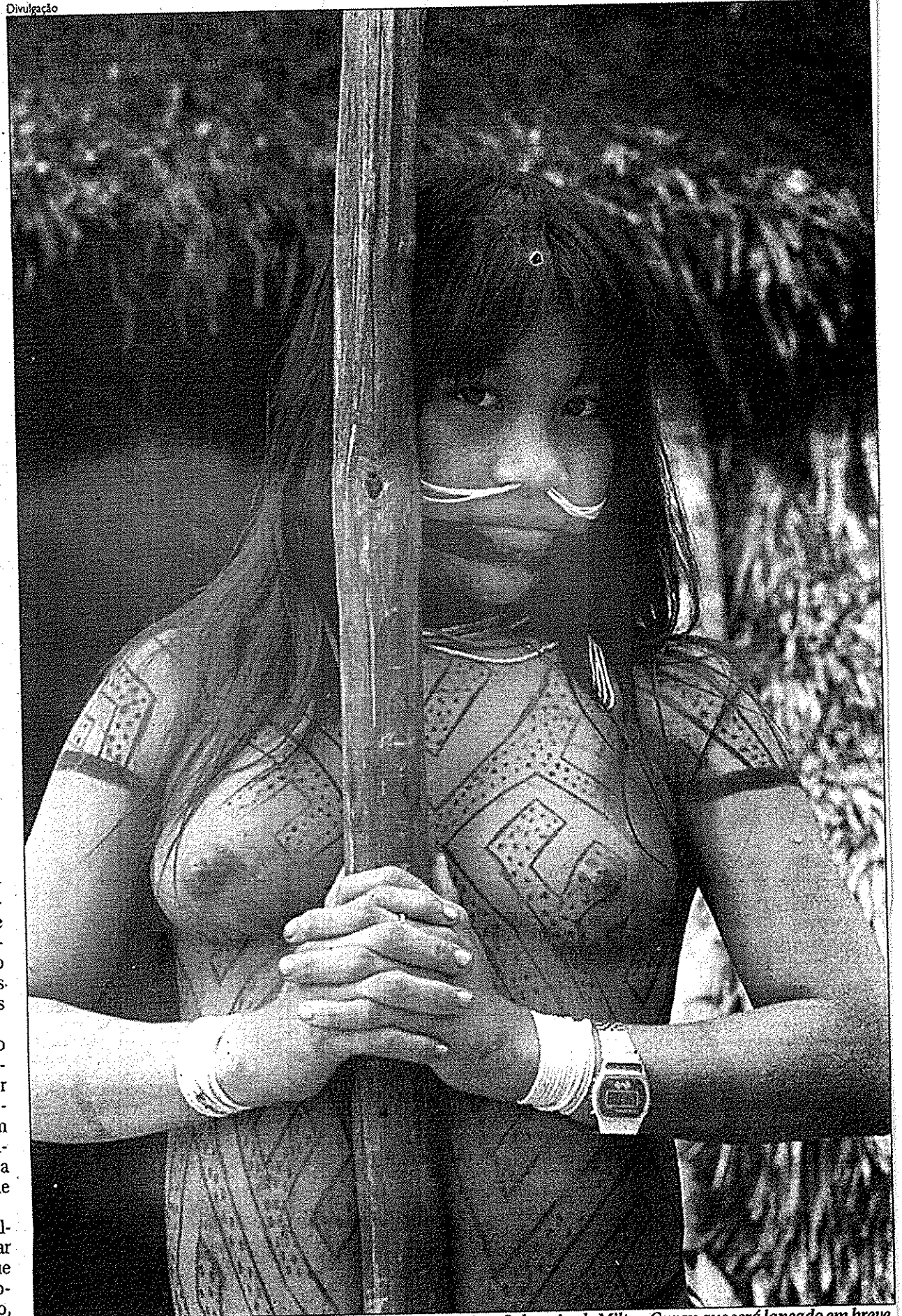
Longe do “exotismo sensacionalista” e do “paternalismo meloso” que costuma criticar gentilmente, Guran focaliza a realidade vivida. A partir dela, com exemplos concretos, monta o cenário do encontro do olhar que ignora estar sendo apreendido com aquele que seleciona a apreensão.

“Você não pode chegar em uma aldeia na Amazônia e querer fotografar com se estivesse em Ipanema. O que pode acabar acontecendo é o etnocentrismo. Tudo te parece exótico, mas não há nada mais exótico que um sujeito de paletó fotografando os índios”, reconhece.

Entre os relatos de Guran está o primeiro contato com um subgrupo que vive às margens do rio Iriri, no sul do Pará. Os Arara, até a expedição liderada pelo sertanista Sidney Possuelo em 1987, viviam isolados e sem contato com a civilização.

Foi quando Guran pôde, pela pri-

Divulgação



Índia do Amazonas, incluído no livro *A Fotografia nas Fronteiras Culturais*, de Milton Guran que será lançado em breve

meira vez, presenciar o que na antropologia é designado como profilmia: um olhar captado sem a interferência provocada pelo reconhecimento da câmera. Isso só é possível em primeiros contatos com grupos isolados, que nunca viram um equipamento fotográfico.

A imagem registrada por Guran,

uma das mais importantes de *A Fotografia nas Fronteiras Culturais*, traz um índio do subgrupo Arara olhando diretamente para a objetiva, desconhecendo porém que seu rosto estava sendo “tomado” pelo fotógrafo.

“O olhar dele, antes e depois do clique, é exatamente o mesmo”, explica Guran. Oposto ao primeiro

contato, estão as fotos dos Marubo, no vale do Javari (AM), onde mulheres aparecem usando sutiãs — vestuário trazido por missionários — e crianças ouvindo rádio. “Introduzi aos poucos os elementos de nossa civilização que vão chegando, daí o título do projeto”, conclui Guran.